

A quinta coluna e o golpe



Por LISZT VIEIRA*

Os ventos que sopram do Norte são frios e violentos, segundo a mitologia grega. No Brasil, sabemos que os ventos do Norte não movem moinhos, mas hoje, além disso, trazem a mensagem da tirania e da supressão da democracia

“Os ventos do Norte não movem moinhos” (Secos e Molhados, *Sangue latino*).

1.

Os mais jovens talvez não conheçam o termo quinta coluna, que traz um sentido de traição e conspiração interna. Essa expressão vem da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), quando o general fascista que tentava tomar Madri afirmou que quatro colunas de tropas cercavam a cidade, mas havia uma “quinta coluna” já infiltrada dentro dela.

A partir daí “quinta coluna” passou a designar um grupo interno que age clandestinamente para sabotar uma organização ou nação, colaborando com forças inimigas. Hoje, o termo se ampliou e passou a ser usado no debate político para acusar opositores de agirem contra os interesses nacionais. Ou seja, o termo não se refere mais apenas a espiões que agem clandestinamente, mas a todos os que atuam contra os interesses da soberania nacional.

Em uma cena que se tornou comum em manifestações políticas da direita no Brasil, a bandeira norte-americana divide espaço com a brasileira. Os nomes de Donald Trump e Jair Bolsonaro aparecem lado a lado em faixas e cartazes, na lógica de uma cooperação internacional da extrema direita.

No ano passado, segundo pesquisa do Datafolha (março de 2024), 31% dos eleitores que se identificam como bolsonaristas afirmam confiar mais em Donald Trump do que em qualquer outro líder político internacional. Entre os mais radicalizados, esse índice sobe para 47%. A mesma pesquisa revela que 26% desses eleitores consideram que os Estados Unidos deveriam servir de “modelo político e moral” ao Brasil – mesmo quando isso significa contrariar a Constituição brasileira.

Agora, com a guerra comercial decretada por Donald Trump, taxando em 50% a importação dos produtos brasileiros, com a sanção aplicada ao Ministro Alexandre de Moraes e novas ameaças de retaliação se Jair Bolsonaro não for anistiado, a Quinta Coluna está ativa, mas não é mais clandestina.

Opera abertamente, como se viu nas últimas manifestações bolsonaristas levantando cartazes com a foto de Donald Trump e com a tomada da direção da Câmara dos Deputados pelos parlamentares bolsonaristas de extrema direita. Há um clima de golpe no ar.

A extrema direita sabe que conta com o apoio direto do governo dos EUA, o que não aconteceu na época da eleição presidencial de 2022, com Biden na presidência mandando recados aos militares brasileiros: Nada de golpe!

2.

Boa parte do bolsonarismo, provavelmente a maioria, assumiu a defesa de Donald Trump contra o Brasil, mas paga um alto preço com a perda da bandeira e do discurso patriótico. Há muitos bolsonaristas atônitos e perdidos. Afinal, a extrema direita defende os EUA contra o Brasil. Quem defende o Brasil é Lula e a esquerda, exatamente o contrário do que antes acreditavam.

Enquanto os militantes e políticos bolsonaristas se comprometem com a defesa de uma agenda estrangeira, personificada em Donald Trump, o Governo Lula e a esquerda em geral defendem a soberania nacional.

O ataque às sedes dos Três Poderes em Brasília, em 8 de janeiro de 2023, foi uma réplica do modelo do Capitólio americano, invadido em 6 de janeiro de 2021. A extrema direita se internacionaliza e o “patriotismo” é dirigido contra o próprio país, contra suas instituições, contra o STF, contra o Congresso, contra o sistema eleitoral.

O bolsonarismo age como uma extensão da política americana de extrema direita. Jair Bolsonaro e Donald Trump, ambos atacaram a imprensa, questionaram resultados eleitorais, rejeitaram medidas sanitárias durante a pandemia e se colocaram como bastiões do conservadorismo cristão. Além disso, o alinhamento com a extrema direita americana influenciou posições em relação a temas vitais, como mudanças climáticas, vacinação, armamento civil e até política externa, propondo um afastamento do Brasil em relação a fóruns multilaterais e parceiros estratégicos históricos.

No que se refere às Forças Armadas, predomina a perplexidade, segundo tudo indica. Conforme as poucas informações que vazaram, muitos militares brasileiros estão dispostos a manter os tradicionais acordos militares com os EUA, mesmo no quadro de guerra comercial dos EUA contra o Brasil.

Formados no quadro da guerra fria e do anticomunismo do século passado, a lealdade dos militares brasileiros com os militares norte-americanos sempre foi inabalável. Mas, tudo indica que teremos fissuras e conflitos, pois não tem sentido o Brasil manter acordos militares e fazer exercícios militares conjuntos com o país que lhe desfecha uma guerra comercial com enormes prejuízos à economia nacional.

Pior ainda: Donald Trump autorizou o Pentágono a fazer operações militares no mar e invadir territórios de outros países a título de combater cartéis de drogas estrangeiros (*O Globo*, 9/8/2025). Ele já havia anunciado sua intenção de invadir Fernando de Noronha e Natal com o pretexto de se ressarcir dos investimentos norte-americanos feitos nesses lugares durante a Segunda Guerra Mundial.

Parece bazofia, mas, se isso vier a ocorrer, o que farão os militares? Vão ignorar, vão apoiar dizendo que é para o bem do Brasil ou combater? Os militares brasileiros foram formados para combater o fantasma do comunismo, mas quem está atacando o Brasil é o capitalismo norte-americano.

3.

Donald Trump botou o elefante na sala. Provavelmente, vai negociar e deixar um bode, cujo tamanho depende da negociação. O vice-presidente Geraldo Alckmin está negociando o bode que ficará na sala. Tudo indica que se trataria de vantagens para as big techs e acesso às terras raras, aos minerais estratégicos para a comunicação digital contemporânea.

Enquanto Lula faz um discurso patriótico de defesa da soberania nacional, Geraldo Alckmin demonstra abertura para negociar esse acesso às terras raras e as vantagens exigidas pelas big techs, que não querem ser reguladas. Lula articula com a Índia e com o BRICS, Geraldo Alckmin articula com as autoridades do governo americano ligadas ao comércio.

a terra é redonda

A pressão de Donald Trump é política e econômica. No plano político, joga pesado pela anistia a Jair Bolsonaro, estimulando as manifestações bolsonaristas e a tomada de poder na Mesa Diretora da Câmara dos Deputados, uma espécie de ensaio geral do golpe que está sendo tramado. No plano econômico, mantém o elefante na sala até obter concessões para as big techs e o acesso às terras raras. E, sabemos agora, paira no ar uma ameaça de ataque militar sob o pretexto de combater cartéis de drogas.

Os EUA não são mais uma democracia. No mínimo, tornaram-se um Estado de exceção caminhando para uma ditadura. Donald Trump foi eleito, mas Hitler, Mussolini, Salazar, Erdogan, Netaníahu, Dukerke, Orbán e outros despotas também foram. Sem a separação de poderes, sem o sistema de freios e contrapesos, não há democracia.

Donald Trump controla o Executivo, o Legislativo e parte do Judiciário. Todos esses ditadores têm votos, mas governam sem lei. Não são democráticos, porque lhes falta o primado da lei que garante o respeito aos direitos previstos na Constituição, como os direitos humanos e as garantias das liberdades democráticas. Esses ditadores frequentemente ignoram os direitos de primeira geração (direitos civis), de segunda geração (direitos sociais) e de terceira geração (direitos coletivos).

Os ventos que sopram do Norte são frios e violentos, segundo a mitologia grega. No Brasil, sabemos que os ventos do Norte não movem moinhos, mas hoje, além disso, trazem a mensagem da tirania e da supressão da democracia.

***Liszt Vieira** é professor de sociologia aposentado da PUC-Rio. Foi deputado (PT-RJ) e coordenador do Fórum Global da Conferência Rio 92. Autor, entre outros livros, de A democracia reage (Garamond). [<https://amzn.to/3sQ7Qn3>]

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)